



POLÍTICAS DE MEMÓRIA E LITERATURA NEGRA NA BAHIA: UMA PROPOSTA DE CONSTITUIÇÃO DE UM ACERVO DIGITAL

MEMORY AND BLACK LITERATURE POLICIES IN BAHIA:
A PROPOSAL FOR THE CONSTITUTION OF A DIGITAL
COLLECTION

Rosinês de Jesus Duarte¹
Universidade Federal da Bahia

Resumo: Um estudo dos processos de produção, transmissão e circulação de textos de mulheres negras evidenciou uma produção potente e diversa entre as décadas de 1970 e 1990, na Bahia. A partir de um mapeamento inicial desses escritos, foi possível inventariar a produção de treze escritoras negras. No entanto, percebemos uma dispersão desses escritos e uma falta de política de arquivamento que contribuíram para o apagamento dessas obras no cenário da história da literatura na Bahia. Nesse contexto, o objetivo do artigo é refletir sobre a necessidade de estabelecer políticas de memória para escritoras negras, provocando, assim, uma reversão da política de esquecimento que insiste em rodear produções de sujeitos negros. Desse modo, esperamos revisar a historiografia literária, introduzindo atores sociais que foram sonogados dos espaços de memória escrita em nosso país.

Palavras-chave: Constituição de acervos literários; Literatura negro-feminina; Filologia.

Abstract: *A study of the processes of production, transmission and circulation of texts by black women highlighted a powerful and diverse production between the 1970s and 1990s, in Bahia. From an initial mapping of these writings, it was possible to inventory the production of thirteen black women writers. However, we noticed a dispersion of these writings and a lack of archiving policy that contributed to the erasure of these works in the history of literature in Bahia. In this context, the objective of the article is to reflect on the need to establish memory policies for black women writers, thus provoking a reversal of the*

¹ E-mail: rosiart20@yahoo.com.br.

policy of forgetting that insists on surrounding productions by black subjects. In this way, we hope to review literary historiography, introducing social actors who have been withheld from the spaces of written memory in our country.

Keywords: *Constitution of literary collections; Black female literature; Philology.*

1 ANTES DE TUDO, ÀGÒ

Antes de tudo, àgò² às mais velhas, às mulheres negras escritoras – hoje, para nós, mulheres-bibliotecas – que nos antecederam, que ousaram escrever, que ousaram habitar esse espaço-escrita por tanto tempo tão elitizado e tão restrito a um sujeito: homem-branco-cis-hetero. Àgò às escritoras negras baianas: Aline França, Fátima Trinchão, Nivalda Costa, Mãe Stella de Oxossi, Makota Valdina. Elas deram tom, cor, ritmo à escrita literária na Bahia dos anos setenta, a essa escrita chamamos “escrita ebó”³ (DUARTE, 2021, p.202). Ebó é uma oferenda que se dá aos orixás para que eles abram os caminhos, protejam e guiem quem ofertou. Nessa perspectiva, a narrativa, a poética das escritoras acima citadas são oferendas para que se abram os caminhos para uma literatura negro-feminina na Bahia a partir dos anos 70. São os fragmentos, os indícios, a dispersão dos arquivos, a voz, a escrita dessas mulheres que pretendemos reunir no *Acervo digital de escritoras negras baianas*, um espaço de memória que visa a reunir a produção escrita dessas mulheres que abriram caminhos para a literatura negro-feminina contemporânea na Bahia.

Os processos de produção, transmissão e circulação de textos de mulheres negras na história da Literatura Brasileira ainda são invisibilizados, constituem-se como silêncios que insistem em instaurar discursividades de ausência de produção ou mesmo de incapacidade de expressão dessas subjetividades. Diante

² Àgò: palavra do Yorubá. Significa licença; dá-me licença, por favor.

³ Escrita-ebó é um termo que desenvolvemos para nos referirmos à produção literária das mulheres negras baianas que produziram a partir da década de 1970 e abriram caminho para a literatura negro-feminina contemporânea, na Bahia.

disso e, mobilizadas pelo desejo de presença da Filologia, através dos exercícios filológicos de reunir, produzir comentários, historicizar, propor edições etc., tarefas caracterizadas como “poderes da filologia” (GUMBRECHT, 2021), estamos ocupando alguns espaços de memória escrita com corpos e *corpora* negros. Essa busca iniciou-se em 2018 com o início de um projeto de pesquisa intitulado *Processos de produção, transmissão e circulação de textos de mulheres negras na Bahia: uma cartografia a partir dos anos 80*, a partir do qual foi possível fazer uma cartografia de escritas de mulheres negras durante esse período.

Através das visitas aos acervos, arquivos, bibliotecas, percebemos que essa produção na Bahia ganhou fôlego na década de setenta, e, a partir desse recorte temporal, começamos a buscar a produção literária de mulheres negras. Percebemos que, devido ao fechamento das grandes editoras para práticas de escritas dissidentes, as escritoras habitavam outros espaços de escritas e acionavam outras vias de transmissão e de circulação para seus textos. Constatamos, ainda, nesses primeiros anos de pesquisa, que existiu uma produção literária potente de autoria feminina na Bahia a partir dos anos setenta e que essa produção circulou nos guetos, pelas frestas, a partir de projetos editoriais constituídos nas margens, mobilizando diversos agentes nesse processo de produção e transmissão desses escritos. Foi possível notar nesse itinerário cartográfico que há uma dispersão desses arquivos e uma falta de política de arquivamento que contribuíram para o apagamento dessas obras no cenário da história da literatura na Bahia. Diante disso, começamos a vislumbrar a constituição de um Acervo Digital de Escritoras Negras Baianas, um lugar de memória (NORA, 1993) para esses escritos e assim, instaurar uma reversão da política de esquecimento (VINHAS, 2019) que insiste em rodear produções de sujeitos negros.

A primeira fase da pesquisa (2018-2023) teve como resultado mais significativo o mapeamento e catalogação de textos literários de nove escritoras

negras, além da reunião de uma série de jornais e revistas que estavam dispersos em diferentes acervos e arquivos na Bahia, utilizando o recurso da edição facsimilar para todos os documentos encontrados. Diante desses *corpora* constituídos ao longo desses cinco anos, passamos a refletir sobre a urgente necessidade de reunir esse material e dar acesso ao público em geral. A meta é dar visibilidade a essa produção escrita de mulheres negras, de modo que escritos literários, notícias de jornal, revistas, dentre outros materiais estejam articulados numa rede de acesso à memória escrita de mulheres negras que abriram caminho para o que hoje conhecemos da literatura negro-feminina na Bahia.

As peças para o futuro Acervo estão sendo reunidas e organizadas no âmbito das ações do grupo de pesquisa Filologia das Letras Negras – FILEN e integram, até o momento, o material de treze escritoras, são elas: Aline França, Fátima Trinchão, Julieta Cartuada, Lita Passos, Mãe Stella de Oxóssi, Makota Valdina, Nivalda Costa, Mãe Beata de Yemanjá, Tânia Regina, Railda Martins, Nice Oliveira Lagos, Laura Borges e Nira Pimentel. Desse modo, *àgò* a essas escritoras, *àgò* para acessar seus arquivos, seus escritos engavetados, seus recortes de jornais guardados como relíquias de um lugar autoral que se forjou, mesmo diante das estratégias de apagamento e de silenciamento dessas subjetividades. *Àgò*, vamos tirar a poeira e acessar esses arquivos.

2 POLÍTICAS DE MEMÓRIA: CONSTITUINDO UM ACERVO DE ESCRITORAS NEGRAS BAIANAS

No romance *Fé en disfraz* da autora caribenha Maira Santos Febres, a protagonista Fe Vedejo, ao mencionar o seu trabalho com arquivos, com salvaguarda de memórias, afirma em desabafo: “É preciso dinheiro para

preservar a História, muito dinheiro e muito poder”⁴ (SANTOS FEBRES, 2009, p. 18). Sim, é preciso dinheiro e poder para se preservar a história e se for a história de sujeitos subalternizados, além de dinheiro e poder, serão necessários paciência e olhar apurado para seguir os rastros, para perseguir indícios de memória, pequenos registros dispersos, esmaecidos em papéis pouco conservados e, muitas vezes, “anarquivados”, para usar o termo de Constância Duarte (2018, p. 63). A falta de políticas de arquivamento para sujeitos negros se estende, inclusive, para escritoras que alcançaram visibilidade no campo literário, tal afirmativa pode ser corroborada através da postagem, do dia 17/04/2023, no perfil do Instagram @nósmulheresdaperriferia sobre o descaso da Prefeitura de Sacramento-MG com o acervo de Carolina Maria de Jesus. Segundo a jornalista que assina a postagem do referido perfil, Beatriz Oliveira:

Grande parte dos escritos originais de Carolina Maria de Jesus estão comprometidos devido ao mau estado de conservação. Em alguns cadernos já não é possível ler trechos por estarem com manchas, fungos e rasgos (OLIVEIRA, 2023, *online*)

É salutar reforçar que estamos falando do acervo de uma das escritoras brasileiras mais proeminentes da história da literatura no país, que teve seus livros traduzidos para vários idiomas, autora do *best seller Quarto de despejo: diário de uma favelada*. Trata-se de uma escritora sem a qual não se pode mais contar a história da literatura no Brasil. No entanto, parte de seu acervo encontra-se, há mais de 20 anos, em situação precária de conservação, ainda carente de políticas de memória que o salvguarde e que viabilizem acesso digno a todas as pessoas que desejem conhecê-lo. Diante disso, ressaltamos que escolher quem terá sua memória escrita salvaguardada é um ato político. A pergunta feita na legenda da

⁴ “Se necesita dinero para preservar la Historia, mucho dinero y mucho poder”

postagem ainda ecoa: “e se fosse um autor branco?” (OLIVEIRA, 2023). Na figura 1, podemos ver a foto de capa da postagem:

Fig.1 – Postagem sobre Acervo de Carolina Maria de Jesus



Fonte: OLIVEIRA (2023)

Nesse contexto, compreendemos a constituição do *Acervo Digital de Escritoras Negras* como uma política de memória, como uma significativa produção de presença (GUMBRESCHT, 2010), tendo em vista que com essa ação, ocuparemos espaços de memória escrita (de poder) de onde esses corpos (escritoras negras) foram historicamente sonegados. Os escritos de mulheres negras, em geral, não integra(ram) os lugares de memórias (NORA, 1994), não eram vistos como dignos (“patrimônio”), não possuíam o valor simbólico chancelado por agentes culturais para constituição de lugares de memória, como é possível perceber no exemplo acima mencionado com acervo de Carolina Maria de Jesus.

No entanto, esse movimento que estamos procedendo ao constituir um acervo, mapeando e inventariando o material produzido por escritoras negras, promove uma revisão na história da literatura e da cultura formal em nossa sociedade. Essa ação, é, portanto, um movimento de produção de presença de

corpos; de corpos de mulheres negras, na história e na cultura escrita da Bahia e do Brasil.

O ato de constituir um acervo de escritoras negras baianas é uma forma de produzir sentido a partir da ratificação da presença desses corpos na nossa memória cultural. Assim, poderemos mostrar a um público mais amplo que mulheres negras produziam literatura na Bahia, que elas têm uma produção diversificada, que elas publicaram, embora em condições precárias e em tiragens muito pequenas. Por isso, reivindicamos a inscrição desses nomes no campo da memória, não mais no esquecimento.

Almejamos, portanto, que o grande público, não apenas os arcontes e leitores especializados, faça suas interpretações e conheça a diversidade literária na Bahia a partir dos anos setenta⁵, pois de acordo com Reinado Marques:

Garantir a todos os leitores a acessibilidade ao arquivo literário potencializa sua legibilidade, dinamizando-o por meio de uma batalha de interpretações, reveladora da heterogeneidade de seus sentidos, ao mesmo tempo em que põe em risco o poder de seus guardiões e intérpretes autorizados (MARQUES, 2015, p. 40)

É importante salientar que mais que constituir um acervo e dar acessibilidade a ele, é preciso olhar para trás para compreender a historiografia literária no Brasil e, em especial na Bahia. Perceber que os sujeitos que figuram a história da literatura em nosso Estado são, em sua maioria, homens brancos, de famílias abastadas, seguindo a lógica do mercado editorial nacional.

⁵ O recorte cronológico a partir dos anos setenta se justifica pelo cenário sócio-político do Brasil. A década de setenta é marcada por uma série de ações contra a regime ditatorial que, a partir de 1968, com o Ato Institucional n. 5, tornou-se ainda mais violento, principalmente para intelectuais, artistas e agentes culturais. A pauta racial, no entanto, era escamoteada através do discurso da dita democracia racial que o governo ditatorial fazia questão de manter. Porém, surgem no país uma série de organizações negras que lutavam por diferentes pautas em várias regiões do país. Essas organizações formaram, em 1978, o Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial (MUCDR), que viraria posteriormente MNU (1979). As ações em diversos campos sociais e culturais do MNU favoreceram a expressão literária de muitos militantes negros. Desse modo, os anos finais da década de setenta é um cenário fértil para a literatura negra no país.

Às mulheres negras, os espaços de publicação estavam fechados; para publicar e se instaurarem na cena literária baiana como escritoras, essas mulheres se reuniram em quilombos editoriais, aproveitaram espaços dedicados a leitores nos jornais da imprensa baiana para publicarem seus poemas ou contaram com publicações solas com pequenas tiragens, através de pequenos selos editoriais, como é o caso do romance *Mulher de Aleduma*⁶, de Aline França.

Mulher de Aleduma teve sua primeira edição publicada pelo selo editorial Fundação Clarindo Silva. Segundo o próprio Clarindo Silva, em entrevista concedida ao nosso grupo de pesquisa, as circunstâncias excludentes em que atuavam as editoras da época o transformaram em um selo editorial. No caso específico de Aline França, após ter buscado diversas casas editoriais para publicar seu livro, sem êxito, foi até Clarindo Silva, que lidera o projeto Cultural Cantina da Lua⁷, para pedir auxílio. Clarindo Silva teve acesso ao manuscrito do romance que a autora desejava publicar e patrocinou a publicação de sua primeira edição. Com uma tiragem pequena, o livro foi publicado com pouquíssimos recursos financeiros, fato que reverberou na diagramação da capa, suportes e material de escrita.

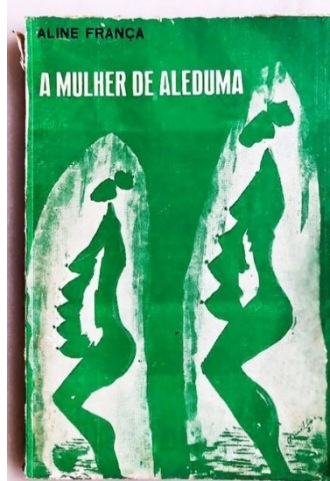
É importante ressaltar que as formas do livro, sua materialidade: capa, editoração, suportes, dentre outros elementos, acabam por imprimir valor simbólico e, conseqüentemente significado aos textos em uma dada sociedade. Por isso, é tão importante lançarmos um olhar para a materialidade possível dos

⁶ É importante dizer que o romance levou o nome de Aline França ao mercado internacional. Em 1985, a escritora publicou a segunda edição, tendo reconhecimento internacional e participação em diversos eventos e jornais. A edição de 1985 foi feita pela editora Ianamá. O processo de circulação desse livro foi o tema de um artigo de Elaine da Paixão Correa (CORREA; DUARTE, 2019).

⁷ O projeto Cantina da Lua foi pensado e liderado por Clarindo Silva, que se tornou dono do Restaurante Cantina da Lua, no Pelourinho, nos finais da década de 70 e se transformou em um polo de resistência da cultura negra na cidade de Salvador. Neste espaço eram promovidos lançamentos de livros com selo editorial independente, lançamento de discos, palestras, reuniões de intelectuais negros. O Restaurante Cantina da Lua, na década de 80, era um importante reduto de intelectuais, em sua maioria negros, de Salvador.

textos de mulheres negras durante os anos setenta e oitenta: eram publicações de pequenos selos editoriais ou selos independentes, com tiragem pequena, com circulação restrita, visto que a venda e distribuição se davam, primordialmente, durante o lançamento do projeto, fossem de livros de autoria única, fossem de coletânea ou mesmo antologias.

Fig.2 – Capa da primeira edição de *Mulher de Aleduma*



Fonte: Acervo do grupo de pesquisa FILEN

Os textos literários de Nivalda Costa e Makota Valdina também circularam graças a uma ação de aquilombamento⁸ do Centro de Estudos Afro-Orientais (CEAO), da Universidade Federal da Bahia (UFBA). A série *Arte e Literatura* do CEAO foi um importante espaço para a divulgação de escritas negras em Salvador durante a década de oitenta. Ressalto, no entanto, que a questão do gênero deve ser colocada em pauta, pois, conforme a catalogação feita por Ailla Aquino Silva (SILVA; DUARTE, 2019), bolsista de Iniciação Científica do projeto, há uma diferença abissal no número de mulheres negras que conseguiam publicar, mesmo nesses espaços de aquilombamento, em relação aos homens negros.

⁸ O termo aquilombamento foi cunhado por Beatriz Nascimento (2006), para referir-se às formas de resistência de pessoas negras, através de ações contra-hegemônicas.

Diante desse cenário dos processos de transmissão desses textos, podemos compreender suas ausências nos espaços de memória escrita da Bahia: bibliotecas, acervos e arquivos públicos. Considerando que nesses espaços são salvaguardados aquilo que interessa consagrar, salvar. Como nos lembra Clovis Britto:

A produção do legado se estabelece conjuntamente com a produção da crença nesse legado. Para além da existência de uma trajetória e de um projeto criador considerado excepcional, torna-se necessário que a energia social produzida em torno de um nome próprio se estenda ao longo do tempo. Quanto maior a extensão cronológica do prestígio, maior é a eficácia dos mecanismos materiais e simbólicos mobilizados contra a ameaça do esquecimento. (BRITTO, 2016, p. 11)

Nesse contexto, a nossa tarefa é reunir subsídios, rastros, indícios para que os escritos dessas mulheres conquistem a dita “perenidade” e o prestígio que lhes foram negados por todo esse tempo, para que assim, possam ocupar os espaços de memória em nossa cidade e, considerando a abrangência de um espaço virtual, do mundo.

Vale lembrar que sujeitos negros foram, no processo diaspórico, desumanizados, vistos como seres incapazes de produzir cultura, principalmente, cultura escrita. Ou seja, os lugares de memória da cultura escrita, arquivos literários, por exemplo, não lhes foram garantidos. No que se refere à produção de arquivos literários, a sua criação está diretamente atrelada ao lugar social de prestígio do escritor e de sua obra. De acordo com Clovis Britto (2016), para se criar um legado que ocupe o lugar de “merecimento” da salvaguarda para história é preciso que se crie a crença de que o sujeito e sua obra são dignos desse legado. Entendemos, portanto, que a produção negro-feminina da Bahia das três últimas décadas do século XX é indispensável para a revisão da historiografia literária no Brasil. Nosso intuito é criar espaços de memória bibliográfica para mulheres escritoras que, como Carolina Maria de Jesus,

resolveram escrever e se apossaram desse lugar cultural ainda tão elitizado: a literatura.

É necessário salientar a importância de mapear e reunir a produção dessas escritoras que, por inúmeras questões relacionadas aos processos de transmissão e circulação de seus textos, experimentaram, em sua maioria, um processo de invisibilização que acaba por inviabilizar a circulação e, principalmente, a guarda de suas produções.

Desse modo, há livros de única tiragem, com uma quantidade de exemplar reduzida que se esgotavam no dia do lançamento, há inúmeros textos dispersos em jornais, grande parte da produção dispersa em revistas criadas por coletivos, verdadeiros aquilombamentos que reagiram ao fechamento das casas editoriais para esses escritos, enfim, uma gama de textos esquecidos e dispersos em acervos de bibliotecas públicas, comunitárias, em acervos pessoais de agentes culturais envolvidos nesse aquilombamento para o mercado impresso de textos de pessoas negras, no período em questão.

Materiais esses que podem ser reunidos, tratados e disponibilizados ao grande público, através do uso de tecnologias digitais que direcionem a geração de documentos e dados digitais. Contudo, também é salutar o desenvolvimento de políticas de memória para esses escritos que garantam o acesso a esses arquivos digitais de forma eficaz e perene, de modo a não serem submetidos a futuros apagões de memória.

A etapa de reunião de documentos para as peças do Acervo, vem sendo realizada desde 2020. Elaboramos um quadro para inventariação de todos os documentos reunidos até o momento (Fig. 3), com inclusões contínuas a partir dos resultados da pesquisa de campo.

Fig. 3 – Quadro para inventariação do material reunido (Fragmento)

0 ALINE FRANÇA				
1				
	Obra Literária	Testemunho/A no	Referências	Acervo onde está o material físico/ número de exemplares
	Negão Dony	1977	FRANÇA, Aline. Negão Dony. Arco-íris, 1977.	Centro de Estudos Afro-Orientais (CEAO/UFBA) http://www.pergamum.bib.ufba.br/pergamum/mobile/resultado_info.php?cod_acervo=98510 Biblioteca Central do Estado da Bahia - Documentação Baiana (consulta local) Biblioteca Juracy Magalhães Júnior http://acervo.fpc.ba.gov.br/pergamum/biblioteca/index.php
	A Mulher de Aleduma (1ª edição)	1981	FRANÇA, Aline. A mulher de	Centro de Estudos Afro-Orientais (CEAO/UFBA)
			Aleduma. Selo Editorial Clarindo Silva e Cia, 1981.	(consulta local) http://www.pergamum.bib.ufba.br/pergamum/mobile/resultado_info.php?cod_acervo=45545
	A Mulher de Aleduma (2ª edição)	1985	FRANÇA, Aline. A mulher de Aleduma. Ed: Ianamá, 1985.	Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa (UFBA) Lugares de Memória da Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa (UFBA) (consulta local e empréstimo) http://www.pergamum.bib.ufba.br/pergamum/mobile/resultado_info.php?cod_acervo=45545

Fonte: Acervo do Grupo FILEN

Nessa etapa, incorporamos a figura do arconte, e reunimos signos, gestos de escrita e corpos. Realizamos, na perspectiva de Derrida, o ato de consignar:

É preciso que o poder arcôntico, que concentra também as funções de unificação, identificação, classificação caminhe junto com o que chamaremos o poder de *consignação*. Por *consignação* não entendemos apenas, no sentido corrente desta palavra, o fato de designar uma residência ou confiar, pondo em reserva, em um lugar e sobre um suporte, mas o ato de *consignar reunindo os signos* (DERRIDA, 2001, p. 13-14; grifos do autor)

O ato de consignar, no entanto, é uma etapa bastante desafiadora, quando se trata de escritoras que historicamente foram submetidas a políticas de esquecimentos (VINHAS, 2019). Flagramos uma dispersão de textos, periódicos, livros produzidos por escritoras negras que dificulta bastante o trabalho de reunir os signos. Seguimos, portanto, a partir do método cartográfico (ROLNIK, 2011) experimentando formas de *consignar*, buscando rastros de escrita, de publicações, ouvindo agentes sociais que participaram do processo editorial de algumas obras mapeadas, com o objetivo de constituir um espaço de memória para essa produção que, apesar de dispersa, é vasta e ainda pulsa nas estantes esquecidas de bibliotecas, em caixa-arquivos ainda sem catalogação, em gavetas trancadas de acervos pessoais.

3 POR UMA POLÍTICA DE PRESENÇA E VISIBILIDADE, SIGAMOS

Estamos reunindo fragmentos de memória escrita de mulheres negras, acessando uma produção literária que oxigena o campo, ao ensaiar possibilidades de outras dicções na literatura baiana a partir da década de 1970; estamos coletando dispersos de escritas-ebó, visto que, ao forjarem alternativas de circulação de seus escritos, essas escritoras performaram-se como oferta ao campo literário baiano para que se abram caminhos para novos enunciados, instaurando discursividades menos eurocentradas. Essas escritoras oferecem, com seus textos, uma ética/estética e possibilidade outras de existência. No prefácio do livro *E daí aconteceu o encanto*, de Mãe Stella de Oxóssi e Cléo Martins, Carlos Petrovich e Wanda Machado comentam o processo criativo das duas escritoras na reunião de fragmentos para a construção narrativa do referido livro:

As duas, Stella e Cléo, com um brinquedo de criança, o caleidoscópio, vão colhendo fragmentos de fatos, imagens de um cotidiano antigo, guardadas nos corações dos filhos e filhas do "Afonjá"; nas falas dos mais velhos, nos olhos da memória" (PETROVICH; MACHADO, 1988, p. 12)

Esse processo criativo em tela, incita-nos a pensar o nosso próprio processo de produção na constituição desse acervo. Seguimos ocupando os acervos, coleções de bibliotecas públicas de Salvador, seguimos ouvindo/lendo os agentes sociais que participaram dos processos de produção e circulação dos textos literários produzidos pelas escritoras, seguimos juntando estilhaços de memória, inventando encruzilhadas que conectem essas escritas em plena dispersão.

Percebemos, no entanto, que a dispersão arquivística dos escritos de mulheres negras é um cenário que se configura nacionalmente. Seguimos buscando iniciativas de políticas de memória para sujeitos-mulheres negras por todo território nacional. Entretanto, até o momento, não temos notícia de nenhum projeto que contemple políticas de salvaguarda que reúnam dispersos de escritas de mulheres negras, em nenhum período histórico.

Nesse percurso, aprendemos, no entanto, através de narrativas de mulheres negras, que se ninguém escreveu a história que você quer ler, escreva você. Desse modo, imbuídas pelo desejo de presença de filóloga, queremos ocupar com corpos negros os lugares de memória, seja física ou virtualmente. Ainda há muitos rastros para seguir e reunir.

REFERÊNCIAS

BRITTO, Clovis Carvalho. *A economia simbólica dos acervos literários: itinerários de produção da crença em Cora Coralina*. Disponível em: <https://journals.openedition.org/horizontes/1237> Acesso em: 15/05/2021

CÂMARA, Mário; KLINGER, Diana; PEDROSA, Celia; WOLFF, Jorge (org.). *Indicionário do contemporâneo* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018.

CORREA, Elane da Paixão; DUARTE, Rosinês de Jesus. As editoras da cidade de Salvador em 1980: um olhar filológico para a obra de Aline França. In: GOMES, Carlos Magno; RAMALHO, Cristina Bielinski; CARDOSO, Ana Maria Leal (orgs.). *ANAIS do XVII Seminário Internacional Mulher e Literatura*. Aracaju, SE: Criação Editora, 2019, p. 181-186.

DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo*. Uma impressão freudiana. Trad. Cláudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

DUARTE, Constanca. Arquivos de mulheres e mulheres anarquivadas: histórias de uma história mal contada. *Estudos De Literatura Brasileira Contemporânea*, n. 30, 63–70, 2018.

DUARTE, Eduardo de Assis. *Literatura afro-brasileira: 100 autores do século XVIII ao XX*. Rio de Janeiro: Pallas, 2014, p. 9-47.

DUARTE, Rosinês de Jesus. Quem abre caminho na Salvador dos 80: processo de produção e circulação da produção literária de autoria negra feminina. In: GOMES, Carlos Magno; RAMALHO, Christina Bielinski; CARDOSO, Ana Maria Leal (Orgs.). *Escritas da resistência: intersecções feministas da literatura*. Aracaju, SE: Criação Editora, 2019, v. 1, p. 198-211.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Os poderes da filologia: dinâmica do conhecimento textual*. Trad. Greicy Pinto Bellin e Claudia Regina Camargo. Rio de Janeiro: Contraponto, 2021.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Produção de Presença*. O que o sentido não consegue transmitir. Trad. Ana Isabel Soares. Rio de Janeiro: Contraponto; Ed. PUC-Rio, 2010.

MARQUES, Reinaldo. *Arquivos Literários: teorias, histórias, desafios*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015.

NASCIMENTO, Beatriz. O conceito de quilombo e a resistência cultural negra. In: RATTI, Alex. *Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento*. São Paulo: Instituto Kuanza, 2006, p. 117-125.

NORA, Pierre. *Entre memória e história*. A problemática dos lugares. Trad. Yara Aun Khoury. *Proj. História*, São Paulo, 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101/8763>.

OLIVEIRA, Beatriz. *Grave: filha de Carolina Maria de Jesus denuncia o estado de abandono de acervo da escritora*. Publicação abr/2023. Disponível em: <https://www.instagram.com/nosmulheresdaperiferia/> Acesso em 17/04/2023.

PETROVICH, Carlos; MACHADO, Wanda. Prefácio. In: AZEVEDO; Stella; MARTINS, Cléo (orgs.). *E daí aconteceu o encanto...* Salvador: Axé Opô Afonjá, 1988.

ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2011.

SANTOS-FEBRES, Mayra. *Fe en disfraz*. Guaynabo: Alfaguara, 2009.

SILVA, Ailla de Aquino; DUARTE, Rosinês de Jesus. Seguindo os rastros das escritoras negras baianas da década de 80. In: GOMES, Carlos Magno; RAMALHO, Christina Bielinski; CARDOSO, Ana Maria Leal (Orgs.). *Escritas da resistência: intersecções feministas da literatura*. Aracaju, SE: Criação Editora, 2019, p. 3 -13. Disponível em: <https://editoracriacao.com.br/anais-do-xviii-seminario-internacional-mulher-literatura/> Acesso em: 24/09/23.

VASSALLO, Jaqueline. *Mujeres e patrimônio cultural: lo desafio de preservar lo que se invisibiliza*. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, n. 71, p. 80-94, 2018.

VINHAS, Wagner. Colonialidade e política de esquecimento. *Revista de Teoria da História*, v. 22, n. 02, 2019.

Nota do editor:

Artigo submetido para avaliação em: 20 de abril de 2023.

Aprovado em sistema duplo cego em: 17 de junho de 2023.